

A Religião na Macro-História: Uma Teoria Neurobiológica e Psicológica

Lacy Loar-Gruenler

Candidata ao Mestrado em Escrita Criativa, Universidade de Harvard

Tradução de Daniel Ribera Vainfas

Resumo

A questão mais elegante e complexa já identificada em nosso universo pode muito bem ser o cérebro humano, com sua capacidade evoluída de processar e interpretar não só a nossa situação física, mas também a nossa situação existencial. Todas as pessoas perguntam: qual é o significado da vida? Porque estamos aqui? E todos os humanos conjecturam: Certamente há algo mais. Embora no contexto da Macro-História possamos identificar elementos religiosos praticados pelos estromatólitos, no passado distante, e pelos nossos companheiros primatas, muito mais recentemente, somente os seres humanos possuem a consciência para buscar respostas definitivas àquelas questões existenciais concernentes a Deus ou aos deuses. Em uma cultura cada vez mais globalizada e secularizada, existe um futuro para a religião? Existe lugar para qualquer divindade, para a religião? Sim. Dramaticamente imaginada, carinhosamente incluindo a todos, com um abandono de dogmas e doutrinas institucionais, a religião cósmica pode ser encontrada em cada um de nós; o caminho pessoal para Deus ou nossos deuses está em nossos cérebros evoluídos e mentes misteriosas.

Correspondence | Lacy Loar-Gruenler, lal629@g.harvard.edu

Citation | Loar-Gruenler, L. (2011) A Religião na Macro-História: Uma Teoria Neurobiológica e Psicológica. Tradução de Daniel Ribera Vainfas. *Journal of Big History*, III(2); 175 - 194.

DOI | <http://dx.doi.org/10.22339/jbh.v3i2.3290>

Introdução

A estrada pavimentada para a caverna de Shanidar é ladeada por ondulantes bandeiras iraquianas e modernos postes de iluminação. Um sinal de boas-vindas em inglês e árabe nas torres sobre o estacionamento. Como uma boca escancarada na verdejante Montanha Bradost, acima do Grande Zab, a boca da caverna é arqueada e grande, seu ventre é um local de enterro silencioso e fantasmagórico, onde 10 predecessores humanos, neandertais, foram enterrados há cerca de 60.000 anos. Um deles, com sua testa proeminente, seu rosto barbado e seu corpo hirsuto, aparentemente foram esmagados em um deslizamento de pedras. Se ele tivesse sido aleijado pelo infortúnio, os antropólogos nos dizem que outros teriam cuidado dele. Na sua morte, ele foi enterrado em um ritual rudimentar que inclui montes de pedras afiadas como pontas em cima de seu túmulo, seguidas pela construção de uma fogueira nas proximidades. Talvez sua tribo estivesse tentando pesar seu espírito para a Terra ou armá-lo com pontas de flechas para sua proteção no próximo mundo, um grande gesto de esperança metafísica; talvez as chamas violentas

devessem manter os demônios afastados.

Os rituais de enterro dos Neanderthal nos dizem duas coisas, de acordo com o neurobiólogo Andrew Newberg: “Primeiro, eles possuíam poder mental suficiente para compreender a inescapável caráter definitivo da morte física; e segundo, eles já haviam encontrado uma maneira de derrotar ou lidar com isso, pelo menos conceitualmente.”

Relíquias de rituais, comportamento proto-religioso, incluindo sacrifícios de animais e enterro com armas, roupas e comida, foram desenterradas de túmulos neandertais espalhados pela Europa, Ásia e Oriente Médio, datando de 200.000 anos.

Ainda há mais tempo, várias centenas de milhares de anos, o gênero *Homo* emergiu na forma do *Homo erectus*, o primeiro ser humano a andar ereto, e o primeiro que acreditamos ter percebido uma realidade espiritual além das forças materiais, com seu cérebro evoluído que continha as complexas estruturas neurais necessárias para a função da linguagem, incluindo o pensamento causal e antinômico necessário para a criação de mitos, que é crucial na evolução da moralidade e religião humanas.

Há muito mais tempo, no período Arqueano, cerca de 3,5 bilhões de anos atrás, mais de 10 bilhões de anos após o Big Bang, a vida complexa começou a emergir em uma atmosfera densa de nocivos gases como enxofre e ácido clorídrico, mas desprovida de oxigênio. Por dois bilhões de anos antes, apenas organismos bacterianos simples chamados cianobactérias construíram seu lar na Terra, subsistindo do hidrogênio em moléculas de água e excretando oxigênio, a condição de Cachinhos Dourados necessária para acolher os estromatólitos fotossintetizantes, uma rocha viva que pode ser vista como o surgimento do comportamento moral, um precursor da religião. A antropóloga Ruth Benedict aponta a linha comum da prática religiosa em todas as culturas: “a religião é uma técnica para o sucesso”, porque aborda valores e responde questões críticas para nossa existência. Fundamentalmente, o comportamento moral é inextricavelmente baseado em regras de cooperação pacífica. De um ponto de vista da Macro-História, essas regras morais podem ser atribuídas aos primeiros estromatólitos, unidos em pequenas pedras em mares rasos para melhorar suas chances de sobrevivência.

E é a sobrevivência que motiva todos os organismos a dialogarem com o ambiente usando seus mecanismos orgânicos internos, seus conjuntos de neurônios para classificar, processar e dar sentido ao bombardeio de dados sensoriais que, se interpretados corretamente, significam viver por um pouco mais de tempo. Os cérebros, e os sistemas neurais dos quais eles dependem, através de milhares de anos de ajuste genético, tornam-se cada vez mais complexos, permitindo que os organismos compreendam e reajam a seus ambientes de maneiras mais eficientes. “A complexidade crescente que caracterizou a evolução dos sistemas neurológicos atinge seu ponto mais alto até agora na elegante engenharia do cérebro humano”, diz Newberg.

As linhas familiares dos hominídeos que levam aos humanos modernos experimentaram uma incrível expansão no tamanho do cérebro, de 600g no *Homo habilis*, que se acredita ter andado

ereto e feito ferramentas primitivas, embora sem polegares opositores, a 1500 g no *Homo sapiens Neanderthalensis*. “Nas espécies de hominídeos, portanto, parece haver um tipo muito especial de pressão de seleção em direção a cérebros maiores, mas deve-se enfatizar que essa pressão de seleção começou a operar nos estágios iniciais da evolução dos hominídeos, muito antes do surgimento do *Homo sapiens*”, diz o psicólogo Stephen Walker. Assim, a evolução do tamanho do cérebro dos hominídeos culmina nos complexos cérebros dos humanos modernos, permitindo-nos interpretar a realidade, incluindo a contemplação de forças além de nosso mundo percebido, e mudar nosso comportamento para nos adaptarmos em vez de esperar pelas transformações genéticas. Como coloca William Grassie: “vale a pena parar um momento para refletir sobre o fato de que o objeto mais complicado do universo conhecido está bem aqui entre nossas orelhas.” Especificamente, à medida que as espécies evoluíram, os neurônios no cérebro evoluíram também, tornando-se mais longos e dando voltas sobre si mesmos, formando redes neurais, que se agruparam em áreas altamente especializadas para permitir uma percepção, um processamento e uma adaptação sensoriais ainda mais sofisticadas, após a conexão dos circuitos desenvolvidos. O neocórtex, a adição mais recente ao peso do cérebro dos hominídeos, permite que os humanos empreguem funções cognitivas superiores na criação da linguagem e da cultura, incluindo a religião. E a emoção religiosa nos humanos, outrora um conceito elusivo enraizado na sobrevivência pela cooperação, no medo, na superstição, no desejo de se conectar com ancestrais mortos e na culpa, também evoluiu. Hoje, ela pode ser medida cientificamente através da ciência do cérebro.

Um subconjunto do cérebro, porque é totalmente dependente dele, é a mente, que é muito parecida com um iceberg com uma consciência visível e impulsos inconscientes ocultos sob a superfície. A complexidade aumentada do cérebro levou à sua capacidade de perceber a si mesmo, um fenômeno que a neurologia não consegue explicar, uma vez que uma

essência não material é encontrada a partir das funções biológicas do cérebro material. “Nossa hipótese sustenta especificamente que <mente> e <cérebro> são duas visões da mesma realidade - a mente é como o cérebro experimenta seu próprio funcionamento e o cérebro fornece a estrutura da mente.” A mente, então, é um sistema de computação que se desenvolveu, como Charles Darwin previu, pela seleção natural, originalmente para processar a percepção sensorial e regular as funções do corpo, mas também resolver os problemas que nossos ancestrais caçadores-coletores enfrentaram face aos perigos da natureza. Fazendo a engenharia reversa da nossa mente, descobrindo o que ela foi feita para fazer, encontramos respostas para as nossas maiores questões em psicologia, bem como em biologia, estudando como o cérebro funciona.

Assim, o crânio humano é uma caixa de jóias, protegendo a jóia multifacetada e inestimável da evolução, permitindo-nos perceber a realidade e entrar em estados alterados de consciência para entendê-la. Certamente existe algo «mais» do que o existencialismo sartriano. Nós, como seres humanos, temos a capacidade de buscar a realidade espiritual que está além do processamento rotineiro de informações sensoriais. Nosso desejo comum é entender por que estamos aqui, saber como podemos superar nosso medo de um mundo desconcertante e da morte, e explicar o que faz de cada um de nós parte de todo o universo. Em outras palavras, em um reino espiritual, buscamos nosso deus ou nossos deuses para obter respostas sobre como podemos criar ordem no caos. Grassie diz: «Falar de espiritualidade, então, é afirmar que existe um domínio que abrange tudo, uma realidade invisível que de alguma forma transcende e sustenta os valores, a vida e a consciência humanos, na verdade o universo inteiro.” Nossa barreira é que o que percebemos como realidade é apenas uma representação da realidade que é criada no cérebro, subjetivamente ordenada pela genética e interpretada sob influência das culturas específicas em que precisamos viver. As várias práticas religiosas são a base da cultura, e a cultura, a forma da religião.

Mas uma miríade de crenças religiosas não tem sido satisfatória, porque diferentes culturas, diferentes sistemas de crenças, nossas próprias experiências são contrapostas umas às outras. O declínio da participação religiosa e a presença de suas manifestações radicais nos mostram que devemos nos erguer acima da divisão das religiões institucionais. As respostas parecem estar em cada um de nós. “A neurologia deixa claro: não há outra maneira de Deus entrar na sua cabeça, exceto através dos caminhos neurais do cérebro. Mesmo se houvesse uma alma através da qual Deus pudesse se comunicar, teria pouco significado cognitivo para nós sem um cérebro”, diz Newberg. E a psicologia clarifica: uma sensibilidade espiritual sempre residiu nos seres humanos, evoluindo dentro de nossos cérebros. Isso pode ser encontrado em toda mente que o procura. “Esse algo comum, esse algo que sobra depois de removermos todo o localismo, todos os acidentes de línguas particulares ou de filosofias particulares, todos os enunciados etnocêntricos, todos aqueles elementos que não são comuns, podemos chamar de ‘experiência religiosa central’ ou ‘experiência transcendente’”, diz o psicólogo Abraham Maslow.

E assim, o cérebro e a mente humanos inextricavelmente evoluídos nos dão a capacidade de contemplar nossa conexão com algo mais, algo transcendente. Nas palavras do filósofo e psicólogo William James, “além de cada homem e... em continuidade com ele existe um poder maior que é amigável para ele e para seus ideais... (um poder) tanto alheio quanto maior que nossos eus conscientes.” Essa é a dádiva encontrada buscando nossa numinosidade interna. Ela é construído a partir de componentes religiosos específicos, como cooperação, altruísmo, empatia e cuidado com os outros, em vez de medo e culpa, que é frequentemente prescrito pela religião institucional. As sementes da numinosidade começaram a evoluir nos cérebros dos organismos vivos há muito tempo com os estromatólitos, para finalmente se tornarem uma moralidade intrínseca e espiritual nos animais mais complexos, primatas, e especificamente humanos. É

esse presente, juntamente com um futuro reimaginado para a religião, sem as restrições do dogma, do medo e da culpa, que agora exploraremos.

Componentes religiosos dentro de nós: comportamento moral

Componentes específicos que favorecem a sobrevivência evoluíram dentro das formas de vida como blocos de construção para o posterior comportamento moral, que é a base da religião. Assim como os estromatólitos praticavam a cooperação pacífica para sobreviver, mais tarde os organismos primitivos descobriram que a cooperação grupal, chamada eussocialidade, contribuía para a reprodução adaptativa. O teólogo Ted Peters explica que a eussocialidade envolve não apenas cooperação, mas em colônias de insetos, crustáceos e mamíferos, envolve cuidados parentais para os jovens do grupo, uma divisão do trabalho e deferência para procriação na casta dominante do grupo. A melhor forma de conseguir a sobrevivência do mais apto é por interdependência e interação. Começando com organismos eucarióticos, “a vida não tomou conta do mundo pelo combate, mas pelo trabalho em rede. As formas de vida se multiplicaram e complexificaram ao cooptar os outros, não apenas ao matar os outros”, diz a bióloga Lynn Margolis.

Ao traçar a evolução dos componentes religiosos, somos levados ao Triângulo Etíope de Afar, onde Arqueólogos descobriram em 1994 os ossos mais antigos de homíníneo (uma subfamília de homínídeos) já descobertos, uma fêmea de 1,2 metro de altura, datada de 4,4 milhões de anos atrás. Ela é categorizada como a espécie *Ardipithecus ramidus*, que se traduz em «térreo» na língua Afar. Antropólogos a chamaram de Ardi. O que sabemos sobre Ardi é que ela vivia em áreas arborizadas e era tanto bípede quanto capaz de escalar galhos de quatro. Ela e os outros espécimes encontrados nas proximidades, tanto masculinos quanto femininos, tinham pequenos dentes caninos. Os cientistas atribuem a espécie de Ardi uma ligação com os machos mais intensa e mais precoce do

que o esperado. Os pequenos dentes caninos indicam redução do conflito masculino sobre as fêmeas, já que nosso último ancestral comum parece ter evoluído atributos marcados pelo aumento da civilidade e da socialização.

O gênero *Homo* começou a aparecer há cerca de 2,5 milhões de anos, quando *H. rudolfensis*, *H. habilis* e *H. ergaster* começaram a desenvolver cérebros maiores, braços mais curtos e dentes menores, apesar de ainda serem simiescos em muitos aspectos. Fósséis encontrados indicam que as primeiras espécies do *Homo* usavam ferramentas de pedra bruta e eram bípedes. Cerca de 2 milhões de anos atrás, várias espécies do gênero *Homo* haviam abandonado as árvores rumo a paisagens abertas e grupos maiores, com comunicação ainda limitada a gestos e vocalizações simiescos para transmitir mensagens a outros.

O decididamente mais humano *Homo erectus* surgiu há cerca de 1,8 a 1,7 milhões de anos, exibindo um cérebro com cerca de 70% do tamanho dos humanos modernos e um corpo quase do mesmo tamanho. Cerca de 75 esqueletos foram descobertos em todo o mundo, embora não nas Américas. Esta espécie não balançava mais em árvores e é conhecida por ter adquirido equilíbrio através do surgimento de canais semelhantes a humanos no ouvido interno, permitindo que o *H. erectus* corresse, saltasse e dançasse, que são rituais importantes para a socialização e para cerimônias religiosas. Um canal de parto mais estreito forçou as fêmeas a darem à luz descendentes com cabeças menores e, portanto, com cérebros não completamente desenvolvidos, o que significa que os recém-nascidos precisavam de cuidado parental prolongado até a maturidade. Desde que os machos começaram a proteger as mães e seus filhos para melhor garantir a sobrevivência dos recém-nascidos desamparados, a união de pares tornou-se mais prevalente. Acredita-se que o *H. erectus* tenha sido o primeiro ancestral a aproveitar o fogo para cozinhar e aquecer, o que aumentou a interação social, inclusive através do uso da linguagem, com substantivos e verbos simples, e da criação de ferramentas avançadas.

Agressão, Parasitismo e Altruísmo

Como contraponto à cooperação, nossos antepassados primitivos também demonstraram agressão a membros de outras e da mesma espécie, uma característica que é evidente nos seres humanos modernos. Muitos dos rituais associados ao comportamento agressivo incluem os apaziguadores gestos de submissão, que foram feitos para aliviar a competição antes que gerasse a morte de um ator perdedor. Todas as espécies de vertebrados podem agir agressivamente, a agressão é inata em espécies inferiores, mas os seres humanos fizeram um uso particular dela, por exemplo, em sua capacidade de fabricar e empregar armas na guerra. O fisiologista Konrad Lorenz faz o contraponto de que os humanos, com maior desenvolvimento cognitivo, são também capazes de controlar suas emoções e canalizá-las para atividades altruístas; a agressão é assim modificada pela imaginação e inferência. E se olharmos para outros primatas, particularmente chimpanzés e bonobos, com quem compartilhamos cerca de 98,8% de nosso DNA, encontramos cérebros notavelmente semelhantes que refletem a capacidade em primatas não humanos de se comportarem de maneira sensível com relação aos outros. Uma vez tido como uma estrutura exclusivamente humana, o neurônio fusiforme, que afeta o autocontrole, a empatia e a autoconsciência, foi encontrada nos cérebros dos macacos, incluindo os bonobos. “Áreas envolvidas na percepção do sofrimento do outro, como a amígdala e a ínsula anterior, são aumentadas no bonobo. Seu cérebro também contém vias bem desenvolvidas para controlar os impulsos agressivos”, de acordo com o primatólogo Frans de Waal.

Sigmund Freud, em *Totem e Tabu*, compartilha sua teoria sobre as primeiras espécies de Homo e sua propensão à agressão, aos primeiros mitos e aos símbolos. Nesta protocultura, as forrageadoras nômades, provavelmente *Homo erectus* que vivem em pequenos grupos familiares, são governadas por um brutal, macho dominante, que mantém relações sexuais indiscriminadamente, inclusive com suas filhas, e

bane, castra ou mata qualquer homem, inclusive seus filhos, que desafiasse sua autoridade. Eventualmente, filhos banidos decidem como grupo acabar com a violência e o incesto atacando o pai, matando-o e canibalizando-o com a crença de que sua força e poder viveriam neles. Mas as emoções humanas de culpa e vergonha também surgem nos filhos assassinos. Para expiar, eles recriam o evento em forma simbólica com festas periódicas nas quais um totem, um animal sagrado como símbolo do pai morto, é sacrificado e comido para comemorar o poder do pai. O assassinato é proibido, juntamente com o incesto, os dois tabus que são o tema do complexo edipiano de Freud. Freud acredita que o assassinato do pai é o pecado original da humanidade, e que o ato e a subsequente expiação pelos filhos é o começo da moralidade, como uma necessidade para viver em sociedade e fazer reparações, e da religião, como uma construção para lidar com o sentimento de culpa e de remorso e para se reconciliar com o pai, jurando subsequentemente obediência a ele.

A teoria de Freud é reiterada em parte pelo antropólogo cultural Christopher Boehm, cuja reconstrução comportamental do ancestral comum dos primatas encontra machos alfa dominantes no comando e outros machos subordinados que não gostam de seu status. “De fato, em todos os quatro macacos vivos (gorilas, chimpanzés, bonobos e humanos), os subordinados rebeldes podem formar coalizões contrárias ao regime.” Ted Peters pergunta se um gene egoísta é responsável pela violência humana, ao qual ele é respondido com um ‘sim’. “De todas as nossas marcas humanas ... a que foi derivada mais diretamente de nossos precursores animais é o genocídio.” Embora um gene egoísta possa ajudar alguns primatas a eliminar o inimigo como competição pela sobrevivência, uma vez que o genocídio ainda é praticado hoje, Peters aponta que os humanos também se envolvem em violência gratuita, muitas vezes estimulada pelo desejo memético e não pela sobrevivência do mais apto. Os humanos também amam seus vizinhos e realizam atos altruístas. “Até

hoje, a sociobiologia falhou em explicar as virtudes mais nobres e invejáveis da raça humana.” Apesar da propensão dos humanos à violência, nosso ancestral comum pode ter experimentado vergonha por quebrar regras, inclusive por atos violentos, uma preadaptação do consciência em humanos modernos. Em apoio adicional à teoria de Freud, o sacrifício, segundo o teólogo Robert Bellah, é um elemento crucial na autoridade hierárquica encontrada nas sociedades antigas. Na Grécia antiga, por exemplo, a participação em uma refeição sacrificial “tornou-se um ritual central e definidor da própria *pólis*, um dos primeiros exemplos de que não há distinção entre religião e política.

Os elementos do conceito de Freud continuam hoje no ritual cristão da Comunhão, no qual o corpo e o sangue de Cristo são consumidos em forma simbólica, e da adesão cristã à lei moral, como os Dez Mandamentos. Pode até mesmo continuar em sua forma original em Papua, Nova Guiné, onde os nativos têm compartilhado humanos cozidos em um ritual para obter o poder da vítima, como observado no relato de um missionário de 1846. “O povo Somosomo foi alimentado com carne humana durante sua estada em Bau, estando em visita naquele tempo; e alguns dos chefes de outras cidades, ao trazerem sua comida, levavam um ser humano cozido em um dos ombros e um porco no outro; mas eles sempre preferiram o ‘porco comprido’, como eles chamam um homem quando assado.” Ninguém desde 2011 relatou que o canibalismo ainda está ocorrendo na Nova Guiné. Talvez não seja. Ou talvez seja, e é por isso que ninguém relatou.

Apesar de serem capazes de atos virtuosos, os humanos têm tido dificuldades com a redução de sua agressão assassina, bem como com formas de trapaça, desde o surgimento do gênero *Homo*. A origem dos códigos morais, um princípio sobre o qual a religião repousa, é muito mais antiga que a religião institucional e está entrincheirada em nós através de milhares de anos de seleção natural. Newberg define como “uma combinação de crenças aprendidas, desenvolvimento

neurológico e consenso entre pares. Mas algo mais é necessário para manter as crenças morais, e isso é ordem social.” Os primeiros caçadores e coletores aprenderam exatamente isso quando criaram uma cura eficaz para enfrentar os agressores ou aproveitadores que interrompem a cooperação pacífica e o comportamento altruísta, o que acaba atrapalhando o indivíduo e a capacidade do grupo de sobreviver. Por esta razão, os bandos de forrageamento mantiveram-se atentos ao desvio social dos membros do grupo, que foram punidos de várias maneiras, do ostracismo à pena de morte. Escreve o antropólogo Christopher Boehm: “Assim, devemos perguntar se o custo dos traços que levam ao parasitismo anti-social em níveis graves – parasitismo que atrai severas punições – podem ser maiores para o aproveitador em potencial do que os custos de ser generoso são para os altruístas com os quais ele está competindo geneticamente. Se assim for, só os seres humanos têm uma possível solução definitiva para o problema do parasitismo genético.” Os indivíduos parasitários que são condenados ao ostracismo sofrem a perda das necessidades humanas básicas, o que pode obrigá-los a pensar duas vezes antes de trapacear, pois essas necessidades podem somente ser supridas por e através de outros humanos formando uma sociedade. “A necessidade de comunidade (pertencimento, contato com os outros) é em si uma necessidade humana. Solidão, isolamento, rejeição pelo grupo - estes não são apenas dolorosos, mas patogênicos também”, diz o psicólogo Abraham Maslow.

O comportamento moral é a base internalizada para a atividade pró-social e é codificado em mandamentos ou leis por todas as religiões. Nasce da empatia, da capacidade de se conectar emocionalmente com o outro, e do altruísmo, da ajuda ao outro que precisa de ajuda, preferencialmente sem pensar em reciprocidade. Está ligado à consciência e é um traço inato, algo que o cientista evolucionista Charles Darwin conclui em seu pronunciamento de 1871: “Qualquer animal, dotado de instintos sociais bem marcados, incluindo as afeições parentais e filiais,

iria adquirir inevitavelmente um senso moral ou consciência assim que suas faculdades intelectuais se tornassem tão, ou quase tão, desenvolvidas como no homem.” Assim, sem características altruístas inatas, nossa vida moral seria um pântano miserável de vergonha e medo de punição. Boehm diz: “Sentir as necessidades dos outros pode nos levar a responder espontaneamente com generosidade, e isso, junto com a expectativa de benefícios futuros da generosidade dos outros, faz o sistema funcionar.” Existe também uma correlação entre saúde psicológica e comportamento altruísta. Como animais pró-sociais, os humanos querem ajudar os outros porque isso gera uma sensação boa. “Um exame de pessoas emocionalmente saudáveis mostra que, quando elas se comportam de forma altruísta, esse comportamento tende a ser um fenômeno de abundância pessoal decorrente de uma gratificação básica. Ela vem das riquezas interiores e não da pobreza interior. O mesmo tipo de exame de pessoas neuróticas mostrará que seu comportamento egoísta é tipicamente um fenômeno de privação básica que envolve ameaça, insegurança e pobreza interior ”, diz Maslow.

William Grassie nos adverte que o outro lado do altruísmo se sustenta na nossa tendência de demonizar os que estão fora de nossos próprios grupos, quando ser injustiçado por alguém de fora muitas vezes desencadeia uma ofensa emocional desmedida, aproveitada para o mal, por exemplo, quando soldados matam seus supostos inimigos. “O lado negro do auto-sacrifício altruísta, o lado imoral da moralidade, pode ainda revelar-se a queda evolutiva da nossa espécie.”

Natureza, realidade e mente acima da matéria

Nossos ancestrais caçadores-coletores, após a invenção da agricultura há cerca de 10.000 anos, estavam livres para usar seus cérebros maiores para atividades mais cerebrais, como escrever e pensar de forma mais abstrata em termos de uma consciência diferenciada entre o objetivo e o subjetivo. Por volta de 500 AEC, período chamado de Era Axial por Karl Jaspers, muitas culturas diversas que acreditavam que o

infortúnio poderia ser frustrado pelo ritual e sacrifício revisaram seus sistemas de crença para abraçar ideias filosóficas e religiosas que promoviam o altruísmo e prometiam transcendência espiritual. Durante a Era Axial, a eficiência econômica significava mais energia que impulsionava “cidades maiores, uma classe acadêmica e sacerdotal, e uma reorientação de prioridades, de sobrevivência de curto prazo a harmonia de longo prazo.”

A consciência diferenciada sustenta o dualismo, que é uma visão crítica da natureza, na qual o corpo e a alma são realidades separadas. “O que as pessoas experimentam no mundo físico é temporal, efêmero, corruptível e sujeito à morte. Além da sombra do mundo físico está o reino transcendente do espírito, que é eterno, imutável, incorruptível e vivificante... estar sintonizado com o reino da luz espiritual é viver a verdade, viver no reino de Deus ”, escreve Peters. Essa descoberta de uma realidade transcendente na consciência humana é chamada de ruptura axial, e a cosmovisão axial é frequentemente chamada filosofia perene. Embora os modelos mais recentes da natureza sejam mecanicistas e contingentes à racionalidade, ao empirismo científico e ao relativismo, o dualismo é especialmente atraente porque confere santidade e ordem ao universo.

O psicólogo Carl Jung acredita que a dualidade em cada um de nós e na natureza é necessária para um universo funcional. “O inconsciente não é apenas mau por natureza, é também a fonte do bem maior: não apenas escuro, mas também luminoso, não apenas bestial, semi-humano e demoníaco, mas sobre-humano, espiritual e, no sentido clássico da palavra, ‘divino.’” E ao defender a ideia de que somos todos um com a natureza, o filósofo islâmico Seyyed Nasr defende “a ressacralização da natureza, não no sentido de conferir sacralidade à natureza... mas de levantar os véus da ignorância e do orgulho que ocultaram a sacralidade da natureza da visão de todo um segmento da humanidade.”

A dualidade, então, é uma realidade composta de matéria e substância, uma realidade objetiva que

podemos perceber, e uma realidade subjetiva em nossas mentes, na qual residem conceitos e consciência, junto com quem julgamos ser, e alguma essência que se nos conecta a algo mais. E é para a neurociência e psicologia que agora nos voltamos para descobrir essa realidade subjetiva, esse “algo mais”. Nas palavras do geneticista Theodosius Dobzhansky: “a consciência do homem, a existência da vida e, de fato, do próprio universo, são todas partes do *mysterium tremendum*.” O termo *mysterium tremendum* foi cunhado pelo filósofo e teólogo Rudolph Otto, e discutido em seu livro *The Idea of the Holy*. No coração do mistério está a experiência que ele chama de numinosa. Otto explica a numinosidade dessa maneira:

“A sensação dela às vezes pode se espalhar como uma maré suave que permeia a mente com um clima tranquilo da mais profunda adoração. Pode se transformar em uma atitude mais fixa e duradoura da alma, continuando, por assim dizer, impactantemente vibrante e ressonante, até que afinal acaba, e a alma retoma seu humor “profano”, não religioso, da experiência cotidiana... Ela tem seus antecedentes brutos e bárbaros e manifestações precoces e, novamente, pode ser transformada em algo belo, puro e glorioso. Pode tornar-se a humildade silenciosa, trêmula e sem palavras da criatura na presença de - quem ou o quê? Na presença daquilo que é um Mistério inexprimível e acima de todas as criaturas.”

O teólogo e místico cristão Agostinho de Hipona aborda a questão em sua autobiografia, *Confissões*, na qual ele reconhece a dualidade do numinoso, com suas conexões com algo que não podemos compreender plenamente, mas que nos enche de temor e admiração, bem como de um frio entorpecente. O “completamente outro” de Agostinho é a sua percepção de estar ligado a Deus como uma realidade alternativa, mas definitiva. Ele escreve: “O que é aquilo que reluz através de mim e percute meu coração sem feri-lo? Estremeço tanto quanto me inflamo. Estremeço no quanto lhe sou dessemelhante. Inflamo-me no quanto lhe sou semelhante.”

Numinosidade é chamada de muitas coisas por

muitos pensadores. Freud chama isso de sentimento oceânico; Jung mantém o termo *numinosum* de Otto; Maslow chama isso de experiência de pico; Albert Einstein, de o sentimento religioso cósmico; Ted Peters, da sensibilidade além; Mircea Eliade, de o inteiramente outro; e no budismo é chamado nirvana.

Jung e os arquétipos herdados

O *numinosum* é involuntário e toma as pessoas, controlando-as em uma alteração peculiar de consciência. É tarefa da religião considerar esse estado, mas Carl Jung faz uma clara distinção entre religião e credo. “A religião me parece ser uma atitude peculiar da mente humana, que poderia ser formulada de acordo com o uso original do termo *religio*, isto é, uma consideração cuidadosa e observação de certos fatores dinâmicos, entendidos como ‘poderes’, espíritos demônios, deuses, leis, ideias, ideais ou qualquer outro nome que o homem tenha dado a fatores como ele encontrou em seu mundo poderosos, perigosos ou úteis o suficiente para serem levados em consideração cuidadosa, ou grandes, belos e significativos o suficiente para serem devotamente adorados e amados.” Assim, a religião é a experiência trazida pelo numinoso, mas a religião institucional não é a mesma coisa; é dogma e credo, meramente formas codificadas da experiência numinosa. Essas formas coagulam em rituais estáticos e instituições inflexíveis. Assim, a numinosidade não é reservada a praticantes religiosos extremos e devotos, nem a santos e místicos. Ela pode ser alcançada por todos nós através da oração, meditação, yoga, canto, dança ritual e até mesmo através de uma paixão ‘devota’ por elementos culturais como natureza, ciência e arte. E pode, é claro, ser alcançado pela busca de Deus, como Newberg registrou nas ondas cerebrais de monges budistas e freiras católicas. Alcançar a numinosidade, ou nirvana, no entanto, é uma jornada longa e difícil. “Nem todos alcançamos o nirvana e é improvável que o façamos. Talvez seja a busca da iluminação ou de Deus, e não a realização real da iluminação ou a descoberta

de Deus, o aspecto mais saudável e transformador da religião. Nessa busca, não há motivo para não convidar a ciência, incluindo as neurociências, para o passeio”, diz Grassie.

Jung não afirma que Deus existe, apenas que existe uma imagem arquetípica Dele; Deus é real nas mentes dos crentes. Assim como os mitos associados às religiões do mundo, como o nascimento virginal, em que Jesus, Maomé, Perseu e Buda nasceram de virgens. Jung afirma que ele nunca tentou provar que o nascimento virginal era uma ocorrência verdadeira. O que é comprovadamente real é que a mente funciona de uma certa maneira que permite que muitas pessoas acreditem que o nascimento virginal ocorreu. “Vivemos em um contexto moderno, onde as coisas definitivas são duvidosas, onde há uma pré-história de enorme extensão, e onde as pessoas estão plenamente conscientes do fato de que, se existe alguma experiência numinosa, é a experiência da psique. Não podemos mais imaginar um mundo empíreo, celestial, girando em torno do trono de Deus, e não sonhamos em procurá-lo em algum lugar por trás dos sistemas galácticos. Mas a alma humana parece abrigar mistérios, pois para um empirista toda experiência religiosa se resume a uma condição peculiar da mente.”

Em uma declaração presciente feita 80 anos antes de Newberg confirmá-la com experimentos neurobiológicos, Jung nos apresentou arquétipos que explicam sua certeza de que a biologia e o cérebro, que alimenta a mente, estavam por trás do pensamento religioso. Ele havia testemunhado incontáveis pacientes expressando ideias religiosas que prevaleceram nos últimos 2.000 anos. “Tal continuidade só pode existir se assumirmos uma certa condição inconsciente trazida pela herança biológica. A qualidade herdada, imagino, deve ser algo como uma possibilidade de regenerar as mesmas ideias ou pelo menos semelhantes. Eu chamei a possibilidade de ‘arquétipo’, que significa uma pré-condição mental e uma característica da função cerebral.”

Revisão de Freud

Logo após a publicação de seu livro, *O Futuro de uma Ilusão*, em 1927, Sigmund Freud recebeu uma carta de seu amigo, Romain Rolland, um romancista e místico francês que disse a Freud que concordava com sua avaliação da religião como uma ilusão, mas que Freud errou o alvo quando não reconheceu o verdadeiro significado do sentimento religioso. Freud escreve: “Isto, ele (Rolland) diz, consiste em um sentimento peculiar, sem o qual ele mesmo nunca está, que ele encontra confirmado por muitos outros, e que ele pode supor estar presente em milhões de pessoas. É um sentimento que ele gostaria de chamar uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento de algo ilimitado, sem amarras - por assim dizer, ‘oceânico’”

Freud nunca encontrou tal sentimento em si mesmo, mas não questiona que, para outros, é um vínculo subjetivo e indissolúvel com o universo. Sua teoria vem da psicanálise, na qual o ego de um adulto maduro, com seu claro delineamento de si mesmo e do outro, reteve vestígios de um estado infantil antes que o ego reconhecesse essa delimitação, quando o mundo e a criança são um. À medida que a criança amadurece, o ego se separa da massa de sensações mundanas que lhe são desagradáveis, até que o ego maduro possa rejeitar e remover o que for uma fonte de descontentamento. O sentimento oceânico, para Freud, é compreendido como uma patologia do egoísmo embaçado, algum remanescente do ego e do mundo como um.

Em seus escritos posteriores, Freud revisa sua visão dos humanos como primariamente governada por um instinto destrutivo ou mortal encontrado em um id agressivo e bárbaro, que estamos constantemente sob pressão para conter através do superego (culpa interior), quando realmente não desejamos fazê-lo. Talvez se tivesse vivido, Freud teria reimaginado seu sentimento oceânico como governado por sua teoria posterior de Eros, o instinto de amor, que é encarregado de “combinar indivíduos humanos isolados, e depois disso famílias, então raças, povos e nações, em uma grande unidade, a unidade da humanidade, transformando

o múltiplo em um.” Freud chama a versão revisada sua teoria dualista de destruição e construção de uma luta cósmica de opostos, a batalha dos gigantes dentro de nós, entre amor e ódio, e parece ser razoável atribuir o sentimento oceânico a Eros como um princípio cósmico de criação, expansão, unificação e preservação, nossa conexão com algo maior. Em seus anos finais, até o mestre da mente reavalia o que a vida, a morte e a eternidade significam para os humanos.

Maslow e a religião pessoal

Na hierarquia de necessidades de Abraham Maslow, o início da psicologia humanista, ele coloca a experiência numinosa no topo da pirâmide, como um estado que não poderia ocorrer até que as necessidades básicas de fisiologia, segurança, amor, pertencimento e estima fossem satisfeitas. Poucas pessoas foram consideradas capazes de alcançar esse auge; afinal de contas, devemos viver e manobrar o mundo mundano todos os dias, mas Maslow acredita que é possível para todos que trabalham duro para isso. A auto-realização é o estado de conhecer e de ser, no qual todos os preconceitos e medos desaparecem, e um verdadeiro senso de moralidade interior, saúde psicológica e contentamento nos toma. Parte desse processo é o numinoso, ou como Maslow o chama, a experiência de pico.

Embora o numinoso tenha começado como um conceito reservado à contemplação religiosa, predominantemente pelos místicos e pelos profetas de todas as altas religiões que procuraram comunicar suas revelações às massas, a teoria de Maslow amplia o conceito para incluir todos nós, em todos os tempos, que fizemos as perguntas relativas ao nosso significado e existência. Maslow considera a religião institucional como em desacordo com a experiência de pico, porque a hierarquia é composta de indivíduos que não atingiram o topo e que, ao longo da história, apresentaram respostas intelectualmente inaceitáveis a questões existenciais. “As próprias questões religiosas - e as missões religiosas, os anseios religiosos, as próprias necessidades religiosas - estão profundamente

enraizadas na natureza humana e podem ser estudadas, descritas, examinadas de maneira científica e as igrejas estavam tentando responder perguntas humanas perfeitamente sadias. De fato, as psicologias existencialista e humanista contemporâneas provavelmente considerariam uma pessoa doente ou anormal em um sentido existencial se ele não estivesse preocupado com essas questões ‘religiosas’”.

A experiência de pico é encontrada em contextos teístas ou sobrenaturais e não teístas; ela é única para cada pessoa. Assim, “cada um que atinge o pico descobre, desenvolve e retém sua própria religião”.

Numinosidade e Ciência do Cérebro

E assim, o cérebro grande e complexo em nossos primeiros ancestrais processou as respostas a questões de sociabilidade, memória, imaginação, mas especialmente ao medo e ao perigo iminente, em que as estruturas límbicas acionam o sistema autônomo. Mas por causa do córtex cerebral, mais desenvolvido em humanos do que em qualquer outro animal, os humanos começaram a pensar abstratamente, percebendo o perigo antes que fosse iminente e resolvendo-o por meios inventivos, como fabricar ferramentas e unindo-se, tanto para segurança quanto para caça. Nossos ancestrais também usaram esse pensamento abstrato para vislumbrar um futuro melhor para todos. Eles promulgaram leis, moldaram civilizações, descobriram a ciência e a tecnologia, criaram arte e música e adotaram religiões para responder a questões existenciais. “Todos os lugares sublimes para os quais a realização humana nos levou - desde a primeira ponta de lança até a mais recente inovação na cirurgia de transplante cardíaco - podem ser rastreados até a necessidade da mente de reduzir a ansiedade intolerável que é o modo do cérebro de nos alertar de que não estamos seguros.” Esses processos de pensamento de alto nível são chamados de operadores cognitivos. Esse processo adaptativo foi tão bem-sucedido que a evolução forneceu ao cérebro humano uma compulsão biológica para usá-lo, o que é chamado de imperativo cognitivo, que nos leva a entender

o mundo usando nossos cérebros para analisar a realidade. Nosso anseio ontológico, inspirado pelo imperativo cognitivo, levou nossos ancestrais a lidar com suas ansiedades sobre a morte e o significado, criando histórias e, finalmente, mitos para organizar suas percepções. “A narratividade coloca em jogo todos os circuitos cognitivos e emocionais evoluídos para lidar com a experiência real”, diz o renomado biólogo E.O. Wilson.”

Mito

Os mitos evoluíram das narrativas, a maioria dos quais é estruturada para apelar para o imperativo cognitivo. Uma preocupação existencial é identificada, e a preocupação é enquadrada em termos dualísticos, entre opostos em disputa e, finalmente, essa preocupação é resolvida, muitas vezes por deuses que aliviam o cérebro de suas preocupações existenciais, fazendo-nos sentirmos aliviados e felizes. Por exemplo, na mitologia cristã, um dualismo existencial é identificado por Agostinho, nomeando o céu como a cidade de Deus e a Terra como a cidade do homem. Os humanos são pecadores, então o céu é inatingível para eles, até que Deus benevolmente sacrifica seu único filho Jesus que, com sua morte e ressurreição, proporciona a salvação eterna à cidade do homem. Outros deuses e homens escolhidos corrigiram a fenda entre o céu e a terra, incluindo o egípcio Osíris, o grego Dionísio, o sírio Adônis e o mesopotâmico Tamuz.

A criação do mito é mais fortemente influenciada por dois operadores cognitivos, o operador causal, que permite que nossos cérebros liguem um evento a uma causa abstrata, e o operador binário, que permite que nossos cérebros definam o mundo nas dualidades sobre as quais Carl Jung escreveu. O imperativo de Jung de que a dualidade cria ordem no universo é um truismo evolucionário ligado ao operador binário, que não apenas identifica os opostos, mas que evoluiu para criá-los como um modo de conceituar espaço e tempo em unidades gerenciáveis. Newberg teoriza que o *Homo erectus*, nosso ancestral de várias centenas de

milhares de anos, ostentava um cérebro complexo o suficiente para conter a rede neural para linguagem e fala, incluindo um lobo parietal desenvolvido para potencializar o pensamento causal e antinômico necessário para a criação de mitos. Muitos desses mitos foram herdados ao longo do tempo. Jung acredita que elas sejam expressões simbólicas de arquétipos: ideias e pensamentos herdados que são universais e que existem profundamente em todas as mentes humanas.

Ritual

Junto com os mitos, os humanos primitivos que viviam em tribos ou clãs, baseados em ligações de parentesco, também praticavam rituais para ganhar o favor das divindades que eles adoravam, bem como por muitas razões pró-sociais, como o controle da tribo, sua hierarquia e sua estrutura de poder. Por muito tempo considerado um fenômeno cultural, o neurobiólogo Eugene d'Aquili nos anos 1970 propôs que o ritual humano tem raízes biológicas, assim como raízes evolutivas em comum com o ritual animal, ambos usados como formas de comunicação, para enviar mensagens de amizade, cumprimentos, submissão e intenção de acasalar. Rituais são comuns em nossa vida cotidiana, o aperto de mão é um exemplo, mas é o uso do ritual na transcendência em que nos concentraremos.

Nossa transcendência em algo maior do que somos é o objetivo primário do comportamento ritualizado. A transcendência religiosa usa o ritual para unir os adoradores a uma realidade espiritual mais elevada, a um Deus ou deuses. Os historiadores nos dizem que os rituais religiosos existiram em todas as culturas humanas de muitas formas diferentes, em nossa busca para entender o mistério de algo além de nossa realidade objetiva. Carl Jung afirma que essa busca é a busca humana inata por uma alma, porque a psique humana sempre desejou satisfazer necessidades espirituais profundas. “Toda a criatividade na esfera do espírito, assim como todo avanço psíquico do homem, surge de um estado de sofrimento mental, e é a estagnação espiritual, a esterilidade psíquica, que

causa esse estado. Apenas aquilo que é significativo que nos liberta.” A santa mística medieval Teresa de Ávila descreve a experiência transcendente como uma jornada de contemplação em nossa busca de Deus dentro de nós mesmos. Há “um castelo magnífico dentro de nossas próprias almas, no centro do qual o próprio Amado habita”, escreve ela no *Castelo Interior*. Nossa jornada aqui sobe do primeiro castelo onde enfrentamos o instinto básico, para níveis mais elevados que representam o coração começando a se encher de amor e empatia pelos outros, até o sétimo e mais alto castelo, representando o cérebro, no qual a transcendência nos transporta para o reino de conhecer e unir-se a Deus.

Já se pensou que o estado alterado de consciência alcançado em numinosidade fosse experimentado apenas por místicos e santos como Teresa, que muitas vezes foram tratados como fanáticos ou delirantes, mas Arthur Newberg acredita que o cérebro é realmente alterado quando alguém se concentra em uma ideia ou o pensamento religioso e a numinosidade, com a prática, é alcançável por todos os cérebros saudáveis. Newberg começou seus experimentos de numinosidade com monges budistas tibetanos enquanto eles meditavam e freiras católicas enquanto eles realizavam uma oração centrante datada do século XIV, *A Nuvem do Não-Saber*. Os resultados foram registrados usando uma técnica de imagem chamada tomografia computadorizada por emissão de fóton único, que mede o fluxo sanguíneo para o cérebro. Ele descobriu que a atividade nos lobos frontais aumentava para seus participantes, especialmente acima dos olhos no córtex pré-frontal, que desempenha um papel vital no processamento da linguagem, das memórias, da consciência auto-reflexiva, das funções sociais complexas, do prazer e das atividades religiosas. Ele observa que os lobos parietais, que nos ajudam a orientar para onde estamos no mundo físico, são retardados na meditação e oração, deixando o praticante sentindo uma sensação de atemporalidade e espaço infinito. “Desta forma, podemos demonstrar que experiências transcendentais, místicas e

espirituais têm um componente biológico real. Além disso, as alterações neurológicas que ocorrem durante a meditação interrompem os processos normais do cérebro - perceptiva, emocional e linguisticamente - de maneiras que tornam a experiência indescritível, inspiradora de fascínio, unificadora e indelevelmente real. De fato, a intensidade de tais experiências frequentemente dá ao praticante a sensação de que existe um nível diferente ou mais elevado de realidade além de nossas percepções cotidianas do mundo”. Embora essas experiências sejam mais frequentemente interpretadas no contexto de crenças religiosas, os praticantes não religiosos encontraram significado secular neles, como a sensação de estar conectado ao universo, à natureza e a tudo o que sempre foi.

Newberg explica que, na oração, o sentido de Deus se torna fisiologicamente real para as freiras, assim como a sensação de paz interior para os monges. E isso se deve a outra importante estrutura cerebral, o tálamo, que regula a percepção sensorial quando ela entra no córtex pré-frontal e se torna mais ativa durante a meditação e a oração. Embora as percepções sejam alteradas, o tálamo continua a trabalhar para torná-las lúcidas, comunicando um senso de realidade sobre elas ao córtex pré-frontal. Fiel ao sistema de crenças da pessoa, a experiência é interpretada pela freira, monge ou praticante secular como real; transcendente, pacífica e na presença de Deus.

Nossas emoções também estão ligadas à atividade neurobiológica no cérebro. Experiências agradáveis fazem com que o neurotransmissor do prazer, a dopamina, seja liberado no sistema, assim como vários hormônios do estresse são liberados quando nos encontramos em uma situação de ansiedade, que desencadeia sinais emocionais de luta ou fuga. Assim, meditando em algo que acreditamos ser agradável, a amígdala e outras partes do sistema límbico sinalizam para nosso cérebro que uma experiência é emocionalmente poderosa, levando-nos a aceitá-la como real. Buscamos essas experiências agradáveis e gratificantes porque a dopamina, e o núcleo accumbens, juntos, reforçam a motivação para buscá-las.

Existe um futuro para a religião?

Nossos ancestrais paleolíticos, quase 200.000 anos atrás, eram forrageadores que provavelmente se consideravam um elemento da natureza, possuindo espíritos que seriam reencarnados em outros animais ou plantas, o que compunha um sistema de crenças espirituais rudimentares. Pinturas rupestres retratando os espíritos, bem como a vida cotidiana, data até 70.000 anos ap. O sociólogo francês Émile Durkheim nos conta que esses primeiros espíritos eram considerados benfeitores. Ele diz: “É claro que eles punem um homem se ele não os trata de maneira adequada, mas não é sua função fazer o mal.” Esse sistema de crenças simples foi a base de instituições religiosas posteriores, mais complicadas e diversas, incluindo a ideia de que os espíritos politeístas se assemelham ao Deus benevolente das religiões monoteístas posteriores. Durkheim também nos diz que, apesar das diferenças de doutrina e dogma, todas as religiões servem ao mesmo propósito, e todas são sistemas reais e verdadeiros de crenças para aqueles que aderem às doutrinas e rituais das várias denominações. “Todas as religiões respondem, embora de maneiras diferentes, às condições dadas da existência humana”, diz Durkheim.

A transformação da civilização de pequenos bandos de caçadores e coletores para sociedades agrárias, marca o início de uma hierarquia de poder entre homens e mulheres, estabelecida porque as famílias rurais precisavam do trabalho de muitas crianças, cujo cuidado era relegado às mulheres em casa, enquanto os homens cuidavam da atividade política e econômica em centros comunitários conforme as populações cresceram. Uruk, aninhada entre os rios Tigre e Eufrates, é reconhecida como a primeira cidade da humanidade, estabelecida por volta de 3.600 AEC, no primeiro estado da Suméria (sul da Mesopotâmia). Arqueólogos escavaram dois centros cerimoniais em Uruk, teorizando que eram templos. “O menor, chamado de Templo Branco, a tempo se tornou associado ao deus do céu, An, o

pai de todos os deuses, representando a autoridade patriarcal”, outro precursor do monoteísmo moderno, escreve David Christian et al. Quando outras cidades da Mesopotâmia foram estabelecidas, foram erguidos templos especiais para atrair e cuidar de deuses especiais que protegessem os moradores e lhes garantissem prosperidade. Hierarquias adicionais foram estabelecidas; incluindo a possibilidade de que os padres vigiassem a construção dos templos com os quais estavam associados, bem como supervisionassem os sacrifícios aos deuses e transmitissem histórias celestiais fantásticas para as classes mais baixas. “Poder religioso, político, econômico e até militar pode, por um breve período, ter estado nas mãos dos sacerdotes”, explica Christian. O astrofísico Eric Chaisson qualifica a afirmação de Christian explicando que o “breve período” em que os padres dominavam um público em grande medida analfabeto durou vários milhares de anos e incluiu os ancestrais dos antigos gregos, romanos, celtas, alemães e eslavos, que acreditavam que os deuses da Suméria governavam o mundo através da classe sacerdotal. “Aparentemente, os mitos se tornam verdades se mantidos por tempo suficiente”, diz ele. Acredita-se que esses deuses criaram o *Me*, “um termo sumério para as instituições, formas de comportamento social, emoções e sinais de ofício, como um todo, vista como indispensável para o bom funcionamento do mundo.” A religião e a política encontravam apoio uma na outra, com a religião promovendo a coesão social, inclusive com a legitimação dos líderes de um Estado, que por sua vez promoviam o sistema de crenças escolhido como religião do Estado. Durkheim reforça essa ideia quando diz que a religião é algo eminentemente social. “Representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são uma maneira de agir que surge no meio dos grupos reunidos, e que são destinados a excitar, manter ou recriar certos estados mentais nesses grupos.” O mesmo poderia ser dito da política, mostrando-nos que, historicamente, a religião e a política não eram estranhas uma à outra, o que levou por muitos séculos

a lutas pelo poder, perseguições religiosas e guerras, como as Cruzadas, e ao genocídio, como no nazismo, persistindo hoje em países predominantemente islâmicos onde as duas instituições ainda estão inextricavelmente entrelaçadas.

O cisma que se desenvolveu entre a religião e a ciência ganhou sua posição durante a Renascença, embora o teste experimental e a evidência empírica tenham sido usados já na Grécia antiga. Um afastamento da religião institucional começou durante o período do Iluminismo do século XVIII, quando a razão humana questionou profundamente a doutrina religiosa que a ela se opunha, ampliado ainda mais um século depois, em 1859, com a publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin, que refuta conclusivamente as histórias da origem do mundo que foram apresentadas pela religião institucional. Sigmund Freud, no início do século XX, chama de ‘ilusões’ a natureza psicológica das doutrinas religiosas porque “derivam de desejos humanos” pela proteção do pai contra a brutalidade da natureza e pela promessa de recompensa após a morte (Freud refere-se principalmente à doutrina judaico-cristã). Ele atribui a perda de influência da religião sobre as pessoas ao espírito científico. “Quanto maior o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa”, diz ele. E, nas últimas seis décadas, as estatísticas mostram uma mudança geracional de proporções sísmicas ainda mais dramática no compromisso religioso. Em uma análise publicada na revista PlosOne em 2015, os autores analisam respostas dadas por 11,2 milhões de respondentes a quatro questionários distribuídos nacionalmente sobre crenças religiosas, que vêm sendo realizados desde 1966. Após comparar pessoas de diferentes gerações em idades idênticas, a análise conclui que os *millennials* são a geração menos religiosa da história americana, seguindo a tendência cultural estabelecida na Europa Ocidental no início do século XX. A teoria é que a cultura ocidental moderna valoriza o individualismo e a filiação religiosa premia o grupo, dominado por um homem autoritário, de

quem precisamos para orientação moral e a quem obedecemos por medo de represálias em uma próxima vida, se não o fizermos.

Como discutimos anteriormente, a moralidade é anterior à religião em incontáveis milênios. Em uma explicação de Eutífron, de Platão, Sócrates filosofa que seríamos livres para apelar diretamente às boas razões que os deuses nos dessem para julgar atos morais, e se determinarmos que as razões não são boas, não precisamos seguir seus ditames. “Afinal de contas, pessoas atenciosas podem dar razões para não matar, estuprar ou torturar outros que não o medo do fogo eterno do inferno, e eles não se tornariam estupradores e assassinos de aluguel se tivessem razão para acreditar que as costas de Deus estavam viradas, ou ele disse que estava tudo bem”, escreve o psicólogo Steven Pinker. E no Antigo Testamento, Deus certamente diz aos israelitas que cometam estupros em massa e genocídio, enquanto ferem de morte blasfemos, homossexuais, adúlteros e aqueles que trabalharam no sábado. Nosso dilema é encontrar algo que tenhamos perdido na religião, algum significado que transcende um universo hostil, onde cada um de nós é apenas uma partícula de matéria cujo tempo gasto em um planeta indefinido registra apenas infinitesimalmente na linha do tempo de 13,8 bilhões de anos do cosmos. Freud acredita que “a relação entre civilização e religião deve passar por uma revisão fundamental. Retirando suas expectativas do outro mundo e concentrando todas as suas energias liberadas em sua vida na Terra, (as pessoas) provavelmente conseguirão alcançar um estado de coisas em que a vida se tornará tolerável para todos e a civilização não mais opressiva a ninguém.” O poeta alemão do século XIX Heinrich Heine escreveu: “Deixamos o Céu para os anjos e os pardais.”

Como deve ser o futuro da religião? Talvez uma *combogênese*, emprestada do biólogo Tyler Volk, na qual uma combinação e integração de coisas previamente existentes formem algo inovador. Algo como a religião cósmica de Albert Einstein, cujo Deus impessoal é fortemente influenciado pelo filósofo do século XVII Benedito de Spinoza. Combinado

talvez com pensamentos de numinosidade discutidos anteriormente e do místico indiano e Prêmio Nobel de 1913 Rabindranath Tagore, que em *The Religion of Man* falou das muitas vezes em que a “música e o brilho de um pôr-do-sol trouxeram aos nossos corações a pulsação do mundo ilimitado.” Temperado com as ideias de Andrew Newberg de que nossos caminhos para os nossos deuses serpenteiam através de nossos cérebros, e a realidade é o que cada um de nós percebe que está em nossas mentes. Algo para todos. E em harmonia com a abordagem hermenêutica de William de Grassie, em que todas as religiões contêm elementos de verdade, e todas as perspectivas, incluindo a ciência, podem ser adotadas e tecidas em nossa história humana, um não-violência intelectual em que Deus- por qualquer nome - é “o conjunto de todos os fenômenos - passado, presente, futuro - bem como o que também pode, em certo sentido, preceder e transcender este universo.” Todas as nossas histórias, todos nós, contribuem para a narrativa do futuro da religião.

A religião cósmica de Einstein não reconhece o dogma, nem um Deus feito à imagem do homem, mas aceita todas as denominações que o fazem. E milhões de pessoas fiéis, de mente aberta, participam de inúmeras formas de religião; não é a religião que é o inimigo. “O verdadeiro inimigo é a substituição do pensamento, da reflexão e da curiosidade pelo dogma”, escreve Frans De Waal. A religião cósmica não é religião baseada no medo da punição, nem reivindica ter recebido lei moral inflexível de uma fonte divina. A lei moral deve ajudar os seres humanos respondendo às suas necessidades sociais em constante mudança, em vez de atrapalhar os seres humanos, porque se propõe incontestável. Einstein escreve: “O comportamento ético do homem encontra melhor base na simpatia, educação e relações sociais, e não requer apoio da religião.” A religião cósmica é humanista e encorajadora. “O indivíduo sente a vaidade dos desejos e objetivos humanos, e a nobreza e ordem maravilhosa que são reveladas na natureza e no mundo do pensamento. Ele procura experimentar a totalidade da existência como uma

unidade cheia de significância.” Não temos culpa por sermos humanos, e somos, com todos os animais, plantas e matéria inerte, unidos como um ao universo.

Einstein nunca vacilou em seu respeito pelas sinceras convicções religiosas dos outros, uma tolerância que tem faltado nas crenças religiosas institucionais tanto historicamente quanto hoje, embora certamente faça parte da religião cósmica. A aceitação de Einstein das miríades de opiniões religiosas dos outros foi expressa numa carta que ele escreveu em 1929: “Nós, seguidores de Espinosa, vemos nosso Deus na maravilhosa ordem e justiça de tudo o que existe e, em sua alma, revela-se no homem e no animal.”(Assim estabelecendo nossa conexão com todas as coisas vivas, incluindo os bonobos de De Waal.) “É uma questão diferente se a crença em um Deus pessoal deveria ser contestada. Eu mesmo nunca me envolveria em tal tarefa. Pois tal crença parece-me preferível à falta de qualquer perspectiva transcendental da vida, e me pergunto se alguém pode, com sucesso, oferecer para a maioria da humanidade um meio mais sublime para satisfazer suas necessidades metafísicas.”

Mircea Eliade acrescenta que o cosmo é uma coisa viva e sagrada, e a experiência religiosa cósmica pode ser tão simples quanto observar o céu, com seu poder transcendente de evocar a eternidade. “A categoria transcendental da altura, do supraterrrestre, do infinito, é revelada ao homem todo, à sua inteligência e à sua alma”.

Conclusão

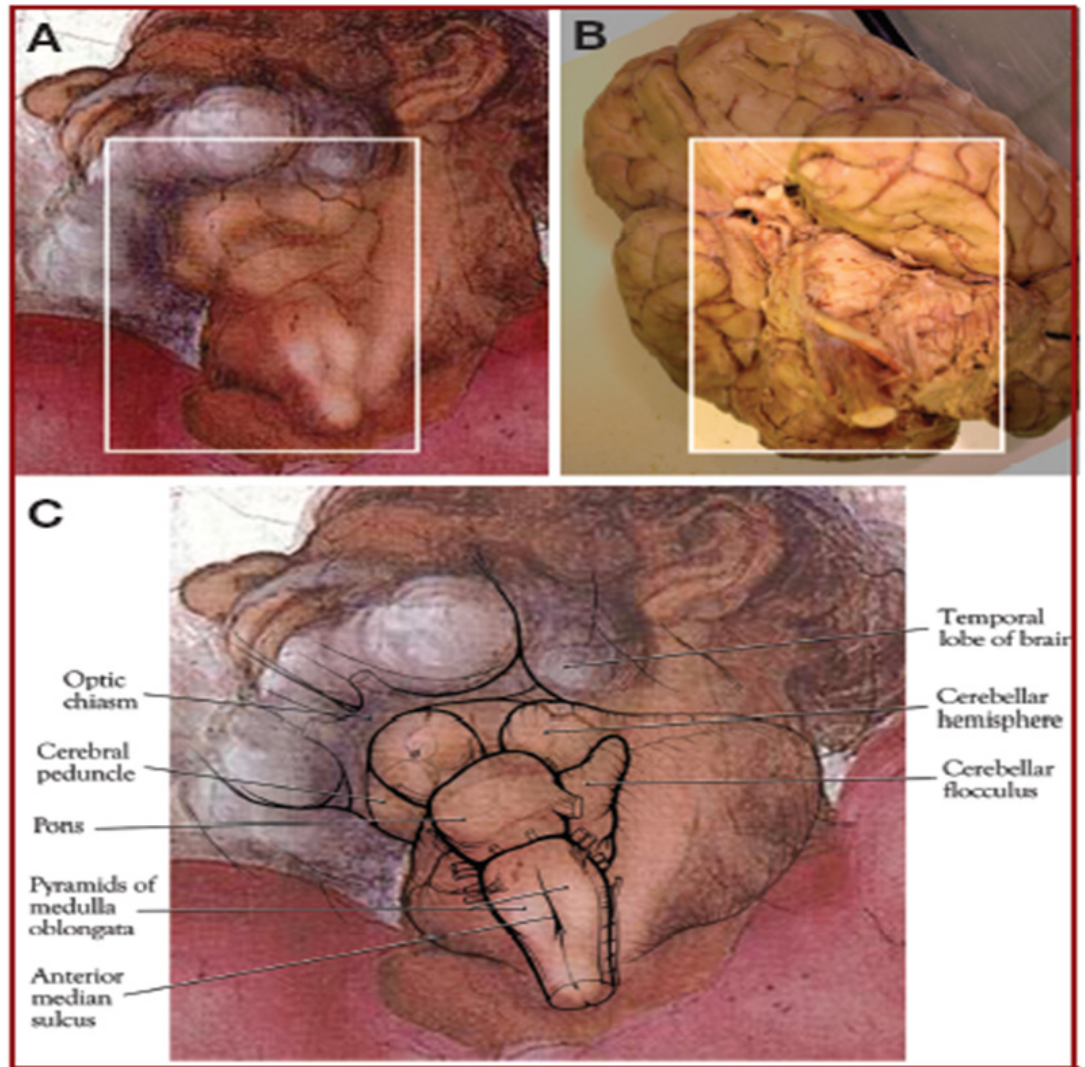
Buda costumava dizer que os humanos interpretam a realidade de muitas maneiras, e não há uma verdade definitiva. Portanto, é improvável que um único sistema de crenças religiosas seja adotado por todas as pessoas, em parte porque as crenças religiosas são culturais e biologicamente enraizadas em nós e não podem ser provadas cientificamente para a satisfação de todos. Nossa busca para saber as respostas às questões existenciais é muito parecida com a tentativa de conhecer o sol, que é parcialmente revelado quando seus raios perfuram as nuvens para nos aquecer. Mas

nós nunca podemos olhá-lo de frente, pois isso nos cegaria. Somos deixados a continuar a usar nosso complexo cérebro com seu córtex frontal altamente avançado, e nossa mente racional mais elusiva, a consciência que pode ser pensada como nossa psique ou alma, para contemplar o divino e dar sentido a este mundo, já que é o único objetivamente real. De fato, o filósofo francês barão D'Hobach descreve o cérebro como integralmente relacionado à alma. Ele escreve: "É pela ajuda desse órgão interior que todas as operações são realizadas, que são atribuídas à alma." A chave para a verdade é a perseverança, a tolerância e o respeito por toda a vida e pelas jornadas e realidades invocadas nas mentes dos outros enquanto nossos cérebros ignoram as percepções sensoriais profanas e se concentram nas forças sagradas que buscamos. O tempo e o espaço estão suspensos e nosso senso de nós mesmos desaparece à medida que a liberação de dopamina contribui para nossos sentimentos numinosos e pacíficos. Newberg diz: "Voilà! Um novo sentido da realidade - isto é, a verdade - desperta em nossos lobos frontais."

Epílogo

Adornando o teto e as paredes da Capela Sistina estão as pinturas de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni do início do século XVI, incluindo "A Criação de Adão", "A Separação da Luz e das Trevas" e o "Juízo Final", todos os afrescos pungentes retratando um Deus antropomórfico. Michelangelo, antes católico devoto, voltou-se para o espiritualismo mais tarde, custando-lhe a pensão quando o papa Paulo IV o acusou de blasfêmia por sugerir no "Juízo Final" que o caminho direto de Deus não envolve religião institucional. A mensagem oculta de Michelangelo nas outras pinturas pode ter inspirado algo que Spinoza escreveu mais de um século depois: "Porque tanto a razão quanto as crenças dos profetas e apóstolos evidentemente proclamam que a palavra eterna, aliança e religião

verdadeira de Deus estão divinamente inscritas nos corações dos homens, isto é, na mente humana." Assim, a investigação inteligente, possibilitada pelo cérebro, é o verdadeiro caminho para o próprio Deus ou deuses. Séculos antes do neurobiólogo Andrew Newberg nos dizer que Deus e a religião residem no cérebro, e psicólogos notáveis nos dizerem como eles são uma função da mente, Michelangelo nos mostra em "A Criação de Adão", Deus, cercado por humanos, está envolto em um cérebro humano anatomicamente preciso, e em "A Separação da Luz e das Trevas", pode-se ver na garganta de Deus uma réplica perfeita da medula espinhal e tronco cerebral humano, com lóbulos frontais intactos, o telencéfalo, a artéria basilar, a glândula pituitária e o quiasma óptico, no que pode ser explicado como uma conjunção metafísica de Deus e nosso cérebro. Michelangelo sabia.



(4) From Michelangelo's *The Separation of Light from Darkness*.

Endnotes

<?> Edwards, Owen “The Skeletons of Shanidar Cave,” in *Smithsonian*, March 2010. Retrieved October 11, 2018 at <https://www.smithsonianmag.com/arts-culture/the-skeletons-of-shanidar-cave-7028477/>.

<?> De Waal, Frans, *The Bonobo and the Atheist*, Norton, New York, p. 56, 2013.

<?> Newberg, Andrew, *Why God Won't Go Away*, Ballantine, New York, p. 54, 2001.

<?> Joseph, R. *The Transmitter to God: The Limbic System, the Soul, and Spirituality*, University Press California, San Jose, 2000.

<?> D'Aquili, E.G.; Laughlin, Jr., C; McManus, J., *The Spectrum of Ritual: A Biogenetic Structural Analysis*, Columbia University Press, New York, 1979.

<?> Pinker, Steven, *How the Mind Works*, Norton and Co., New York, p. 556, 1997.

<?> Spier, Fred, *Big History and the Future of Humanity*, John Wiley & Sons, Ltd, Chichester, UK, p. 181, 2015.

<?> Newberg, Andrew, *Why God Won't Go Away*, Ballantine, New York, p. 19, 2001.

<?> Walker, Stephen, *Animal Thought*, Routledge & Kegan Paul, London, 1985.

<?> Ibid Note 7.

<?> Grassie, William, *The New Sciences of Religion*, Palgrave MacMillan, New York, p. 95, 2010.

<?> Newberg, Andrew, *Why God Won't Go Away*, Ballantine, New York, pgs. 16-17, 2001.

<?> Laughlin, Jr., C; McManus, J.; and d'Aquili, E.G., *Brain, Symbol, and Experience*, Columbia University Press, New York, 1992.

<?> Pinker, Steven, *How the Mind Works*, Norton and Co., New York, p. 21, 1997.

<?> Grassie, William, *The New Sciences of Religion*, Palgrave MacMillan, New York, p. 19, 2010.

<?> Tillich, Paul, *Systematic Theology*, Volume 3, University of Chicago Press, Chicago, p. 248.

<?> Newberg, Andrew, *Why God Won't Go Away*,

Ballantine, New York, p. 35, 2001.

<?> Maslow, Abraham, *Religions, Values, and Peak Experiences*, Penguin Books, New York, p. 20, 1970.

<?> James, William, *The Varieties of Religious Experience*, Collins, Glasgow, p. 141, 1960.

<?> Peters, Ted, *God in Cosmic History*, Anselm Academic, Winona Minn., p. 58, 2017.

<?> Margolis, Lynn, Sagan, Dorion, *Microcosmos: Four Billion Years of Microbial Evolution*, Berkeley, University of California Press, pgs. 28-29, 1986.

<?> Christian, David, Stokes Brown, Cynthia, Benjamin, Craig, *Big History: Between Nothing and Everything*, McGraw-Hill, New York, pgs. 85-87, 2014.

<?> Lorenz, Konrad, *On Aggression*, Methuen, London, pgs. 219-221, 1966.

<?> De Waal, Frans, *The Bonobo and the Atheist*, Norton, New York, pgs. 80-81, 2013.

<?> Freud, Sigmund, *Totem and Taboo*, Random House, New York, pgs. 183-189, 1946.

<?> Boehm, Christopher, *Hierarchy in the Forest*, Harvard University Press, Cambridge MA, 1999.

<?> Peters, Ted, *God in Cosmic History*, Anselm Academic, Winona Minn., pgs. 174-178, 2017.

<?> Ibid

<?> Bellah, Robert, *Religion in Human Evolution*, Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, pgs. 244-245, 2011

<?> Watsford, the Rev. John, “Wesleyan Missionary Notices,” extract of a letter dated October 6th, 1846, Sept. 1847 edition.

<?> Newberg, M.D., Andrew, *Why We Believe What We Believe*, Free Press, New York, p. 133, 2006.

<?> Boehm, Christopher, *Moral Origins*, Basic Books, pgs. 194-195, 101, New York, 2012.

<?> Maslow, Abraham, *Religions, Values, and Peak Experiences*, Penguin, New York, pgs. xiii-xiv, 1970.

<?> Hrdy, Sarah, *Mothers and Others: The Evolutionary Origins of Mutual Understanding*, Belknap Press, Cambridge, 2009.

- <?> Darwin, Charles, *The Descent of Man*, Princeton University Press, Princeton, NJ, pgs. 71-72, 1982 (1871).
- <?> Boehm, Christopher, "Evolution and Ethics: Human Morality" in *Biological and Religious Perspective*, Clayton, P. and Schloss, J., Eds., Eerdmans, New York, 2004.
- <?> Maslow, Abraham, *Future Visions, The Unpublished Papers of Abraham Maslow*, Sage Publications Ltd., London, pgs. 112-113, 1996.
- <?> Grassie, William, *The New Sciences of Religion*, Palgrave MacMillan, New York, p. 85, 2010.
- <?> Pinker, Steven, *Enlightenment Now: A Case for Reason, Science, Humanism, and Progress*, Viking Press, New York, pgs. 23-24, 2018.
- <?> Peters, Ted, *God in Cosmic History*, Anselm Academic, Winona Minn., p. 131, 2017.
- <?> Jung, Carl, *The Practice of Psychotherapy*, Routledge, London, p. 364, 1954.
- <?> Nasr, Seyyed, *Religion and the Order of Nature*, Oxford University Press, Oxford, p. 7, 1996.
- <?> Midgley, Mary, *Evolution as a Religion*, Routledge, London, 2002.
- <?> Otto, Rudolph, *The Idea of the Holy*, Oxford University Press, London, 1923, pgs. 12-28.
- <?> Ibid
- <?> Jung, Carl, *Psychology & Religion*, Yale University Press, New Haven, pgs. 4-6, 1938.
- <?> Grassie, William, *The New Sciences of Religion*, Palgrave MacMillan, New York, p. 109, 2010.
- <?> Jung, Carl, *Psychology & Religion*, Yale University Press, New Haven, pgs. 74-75, 1938.
- <?> Jung, Carl, *Psychological Factors Determining Human Behavior*, Harvard Tercentenary Publications, Cambridge, 1936.
- <?> Freud, Sigmund, *Civilization and Its Discontents*, Norton, New York, pgs. 24-29, 55, 69, 2010.
- <?> Ibid
- <?> Fuller, Andrew R., *Psychology and Religion*, Rowman and Littlefield, London, p. 67, 1994.
- <?> Maslow, Abraham, *Religions, Values, and Peak-Experiences*, Penguin Books, New York, pgs. 18-20, 1970.
- <?> Warmouth, A. "A Note on the Peak Experience as a Personal Myth," in the *Journal of Humanistic Psychology*, V, pgs. 18-21, 1965.
- <?> Newberg, Andrew, *Why God Won't Go Away*, Ballantine, New York, pgs. 58-63, 80-81, 2001.
- <?> Shermer, M., *How We Believe: The Search for God in an Age of Science*, Freeman & Co., 2000.
- <?> D'Aquili, E.G. and Newberg, A.B., *The Mystical Mind: Probing the Biology of Religious Experience*, Fortress Press, 1999.
- <?> Jung, Carl, *The Practice of Psychotherapy*, Routledge, London, p. 364, 1954.
- <?> Jung, Carl, *Psyche and Symbol*, Doubleday, New York, 1958.
- <?> Burns, T., and Laughlin, C.D. "Ritual and Social Power" in *The Spectrum of Ritual*, eds. D'Aquili, Laughlin, and McManus, Columbia University Press, New York, 1979.
- <?> Smith, W.J., "Ritual and the Ethology of Communicating" in *The Spectrum of Ritual*, eds. D'Aquili, Laughlin, and McManus, Columbia University Press, New York, 1979.
- <?> Jung, Carl, *Modern Man in Search of a Soul*, Harcourt, Brace, and World, New York, pgs. 224-225, 1933.
- <?> Teresa of Avila translated by Mirabai Starr, *The Interior Castle*, Riverhead Books, pgs. 21-23 2003.
- <?> Newberg, M.D., Andrew, *Why We Believe What We Believe*, Free Press, New York, pgs. 170-184, 2006.
- <?> Muramoto, Osamu "The Role of the Medial Prefrontal Cortex in Human Religious Activity," in *Medical Hypotheses*, Vol. 62 pgs. 479-485, 2004.
- <?> Newberg, M.D., Andrew, *Why We Believe What We Believe*, Free Press, New York, pgs. 169-170, 2006.
- <?> Saver, J.L. and Rabin, J. "The Neural Substrates of Religious Experience" in the *Journal of Neuropsychiatry and Clinical Neuroscience*, Vol. 9, pgs. 498-510, 1997.
- <?> Gray, J.A. "A Critique of Eysenck's Theory of Personality" in *A Model for Personality*, Springer-Verlag, New York, pgs. 246-276, 1981.
- <?> Christian, David; Brown, Cynthia; Benjamin, Craig; *Big History: Between Nothing and Everything*, McGraw-Hill, New

- York, pgs. 97-98, 130-133, 2014.
- <?> Durkheim, Emile, *The Elementary Forms of the Religious Life*, translated by Joseph Swain, CreateSpace Independent Publishing Platform, pgs. 111, 1, 5, 2014.
- <?> Ibid, Note 65.
- <?> Chaisson, Eric, *Epic of Evolution: Seven Ages of the Cosmos*, Columbia University Press, New York, pgs. 418-419.
- <?> Ibid, Note 65.
- <?> Ibid, Note 68.
- <?> Pinker, Steven, *Enlightenment Now: The Case for Reason, Science, Humanism, and Progress*, Viking, New York, pgs. 428-430, 2018.
- <?> Freud, Sigmund, *The Future of an Illusion*, trans. by James Strachey, Norton & Co., New York, pgs. 38, 50-51, 1961.
- <?> Twenge, Jean, "The Real Reason Religion is Declining in America," in *Psychology Today* retrieved online at <https://www.psychologytoday.com/us/blog/our-changing-culture/201505/the-real-reason-religion-is-declining-in-america>, December 1, 2018.
- <?> Ibid Note 71.
- <?> Ibid Note 72.
- <?> Volk, Tyler, *Quarks to Culture*, Columbia University Press, New York, pgs. 204, 211, 2017.
- <?> Tagore, R. *The Religion of Man*, George Allen & Unwin, London, 1932.
- <?> Grassie, William, *The New Sciences of Religion*, Palgrave MacMillan, New York, pgs. 181-183, 2010.
- <?> De Waal, Frans, *The Bonobo and the Atheist*, Norton, New York, p. 109, 2013
- <?> Einstein, Albert, *On Cosmic Religion and Other Opinions and Aphorisms*, Dover, New York, pgs. 48-52, 2009.
- <?> Einstein, Albert, in a letter to E. Busching, quoted in *Einstein and Religion*, Jammer, Max, Princeton University Press, Princeton, NJ, p. 51, 1999.
- <?> Eliade, Mircea, *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion*, Harcourt, New York, pgs. 116-119, 1959.
- <?> D'Holbach, Baron, *The System of Nature* Vol. One, Clinamen Press, Manchester, p. 73, 1999.
- <?> Newberg, M.D., Andrew, *Why We Believe What We Believe*, Free Press, New York, p. 187, 2006.
- <?> De Spinoza, Benedict, *Theological-Political Treatise*, Cambridge University Press, Cambridge, UK, p. 163, 2007.
- <?> Suk, Ian, and Tamargo, Rafael, from "Concealed Neuroanatomy in Michelangelo's Separation of Light from Darkness in the Sistine Chapel," in *Neurosurgery*, Vol. 66, No. 5, pp. 851-861.
- <?> Fields, R. Douglas, "Michelangelo's Secret Message in the Sistine Chapel: A Juxtaposition of God and the Human Brain," *Scientific American*, May 27, 2010. Retrieved December 4, 2018 at <https://blogs.scientificamerican.com/guest-blog/michelangelos-secret-message-in-the-sistine-chapel-a-juxtaposition-of-god-and-the-human-brain/>.